

# Os erros do acordo com o FMI, segundo economistas.

Extremamente sombrias e amargas são as análises e previsões feitas por diversos economistas em cima dos termos da carta de intenções que o Brasil enviou ao Fundo Monetário Internacional. O mínimo que eles prevêem é o não cumprimento das metas ali estabelecidas. Mas se elas chegarem a ser atingidas, eles não esperam outra coisa senão o mergulho do Brasil numa recessão arrasadora, sem retorno.

O economista Luciano Coutinho disse que está inteiramente de acordo "com as pessoas de bom senso deste país, como Antônio Ermírio de Moraes", que prometeu o Prêmio Nobel de Química para quem conseguir cumprir as metas do FMI. Na sua opinião, só há três maneiras de se atingir essas metas:

— Ou levando o País a uma recessão arrasadora; ou falseando deliberadamente as estatísticas, na vã esperança de enganar a opinião pública e aos credores; ou, então, contratando o famoso mágico Mandrake como ministro do Planejamento, para viabilizar a segunda hipótese através da prática da hipnose global.

Coutinho considera inatingíveis as metas previstas na Carta, particularmente a da inflação.

— É ingenuidade imaginar — disse ele — que essa taxa, que hoje está em 9,7% ao mês, venha a cair para 5% no último trimestre. Não pode cair porque os preços dos produtos agrícolas estão sofrendo alta violenta por causa dos desastres climáticos e os produtos agrícolas de exportação estão sendo puxados pelas cotações internacionais ascendentes. E o governo não pode praticar uma "deflação corretiva", segurando os preços das tarifas de derivados de petróleo e insumos básicos porque isso aumentaria o déficit público, o que contraria um dos compromissos da carta.

## Muito difícil

Se a inflação não vai cair, observa Coutinho, vai ficar muito difícil segurar a dívida pública em Cr\$ 19,3 trilhões, a não ser fazendo mais cortes brutais no investimento e nos gastos públicos, ou seja, agravando ainda mais a recessão. E a meta de expansão da base monetária de 90% vai levar a uma violenta redução real de crédito, o que significa falências e concordatas em massa.

Em síntese, Luciano Coutinho prevê que "os próximos meses serão dantescos e o mais grave é que esse sacrifício não vai dar em nada, porque as metas do programa de refinanciamento externo para 84 são grosseiramente irrealistas". Portanto, se as metas forem cumpridas, a economia estará quebrada e o problema externo não será resolvido; e se elas não forem cumpridas, haverá nova crise cambial e nova desmoralização para o País.

Não são mais animadoras as previsões do professor Ernesto Lozardo, da Fundação Getúlio Vargas. Ele acha que as metas da Carta podem até ser cumpridas, mas "a um custo social e financeiro que o País não pode suportar". E a consequência será um aumento dramático do desemprego e de falências de empresas e até de bancos.

Mas o principal aspecto que Lozardo viu na Carta foi a sua incoerência com o resto da política econômica e a sua inconsistência para atender ao drama maior que é o déficit público. Para que ela atingisse seus objetivos, segundo Lozardo, são necessárias algumas medidas complementares, como uma reforma tributária, com aumento da arrecadação de impostos através não só do aumento das alíquotas dos atuais como da criação

de novos impostos (sobre herança, ganhos de capital, etc); uma outra política cambial, com a criação do câmbio duplo, um oficial e outro flexível, através de letras de comércio exterior (uma espécie de dólar para financiar as importações); e, finalmente, uma política monetária mais flexível.

— Sem estes elementos — prevê Lozardo — esta carta é suicida e coloca em grande risco o projeto de abertura política.

## "Segundas intenções"

Mas Ernesto Lozardo observou ainda um outro aspecto na carta que o levou a qualificá-la de "carta de segundas intenções": o fato de estar quase toda redigida no condicional.

— O peso que essa carta teve até há um mês, em termos de obter recursos do FMI e, conseqüentemente permitir uma renegociação melhor com os banqueiros internacionais, diminuiu. Porque os banqueiros já estão percebendo que, se ela realmente tiver o efeito de causar um enorme dano interno ao Brasil, levará o País a se tornar incapaz de saldar os juros da sua dívida com os bancos. Portanto, se ela está no condicional, abre perspectivas de uma renegociação contínua nessa área. Ao passo que, se ela fosse categórica, abriria uma frente para a moratória, o que impossibilitaria a negociação contínua.

## Mais contradição

O economista Geraldo Miller, da USP, detectou uma contradição na Carta ao FMI: "Ela é logicamente consistente, mas é ilógica do ponto de vista da realidade".

— Pela leitura desse memorandum tem-se a impressão de ser uma coisa puramente técnica: um conjunto de teclas que quer ajustar o País à realidade da crise e da depressão. Pela congruência desse conjunto tudo leva a crer que tem sentido. Mas pode-se começar a duvidar pela leitura do item 14: eles confessam que a contenção dos salários só provocou o aumento do desemprego e da inflação e, ao mesmo tempo, dizem que vão continuar contendo ainda mais os salários para "permitir uma situação mais favorável à criação de empregos e um substancial declínio da taxa de inflação". Ou seja, insistem num ponto em que a experiência recente provou ter efeitos contrários aos desejados.

Outra contradição apontada por Miller: a limitação da base monetária em 90% para provocar a queda da inflação.

— Ora, nós estamos tendo uma contração dessa base continuamente há mais de um ano e a inflação não desceu um só ponto. Só subiu.

## Uma "pilhéria"

Na opinião de Geraldo Miller, há até uma "pilhéria" na carta, quando se afirma (letra F do item 7) que os preços de mais de 300 produtos e serviços estão controlados, porque, na realidade, esse controle não existe. "Isso tem cheiro de brincadeira de mau gosto" — comentou o economista. E, daqui para a frente, na sua previsão, as coisas só tendem a piorar: o desemprego vai aumentar, a inflação talvez não suba, mas dificilmente cairá, e, "a continuar assim, nós vamos exacerbar as tendências de sucateamento da indústria nacional, que levou 30 anos para se firmar. Ou seja, o País começa a se tornar inviável".

E o aspecto mais grave da Carta, apontado por Miller: "Não há uma só linha dizendo como o País pode sair da crise. Só se fala em ajustar a economia à crise e à depressão".